

Cavaleiros de majestade

Vejo na televisão dois generais das Polícias. São dois entre não sei quantos porque só na PSP há pelo menos mais cinco de altíssima constelação e na GNR, sempre que se fala de estrelas, ainda lhe está bem viva a memória daquele marechal desertor de guerras perdidas que se exibiu nos picadeiros da Política montado num cavalo de monóculo. Embora menos medalhados do que os generais do Kremlin (que, apesar de tudo, sempre ganharam Estalinegrado e outras batalhas de prestígio universal), os cabos-de-guerra que vejo no ecrã são duas versões dum figurino de poder: um de frente para uma democracia que se lhe afigura impreparada, para não dizer ignorante, e que ele procura surpreender com uma imagem actualizada na sociedade civil; o outro, GNR constelado, apresenta-se em perfil mais tradicional, desdenhoso, enfasiado da misérrima mediocridade paisana. Para ele, um guarda que disparou à cabeça dum prisioneiro pode não ter querido matá-lo, afirma corajosamente — e aqui está, digo eu, uma lúcida demonstração da lógica dum *Gruppenführer* pragmático e analítico.

A História ensina-nos e nós ouvimos em sentido que um polícia de galões ou de estrelas de ouro é um militante do civismo cultural, ao contrário do que afirma a subversiva declaração antimilitarista de Albert Einstein, esse judeu pagão, apátrida, anarcocomunista e outras coisas piores. Não. Como é sabido e provado, a Polícia, que tem a discipliná-la a mão militar, defende os direitos do homem até ao sacrifício da própria vida (não da dos outros, que fique claro) e, como tal,

A História ensina-nos e nós ouvimos em sentido que um polícia de galões ou de estrelas de ouro é um militante do civismo cultural, ao contrário do que afirma a subversiva declaração antimilitarista de Albert Einstein, esse judeu pagão, apátrida, anarcocomunista e outras coisas piores.

constitui uma força humanista. Folheia comovidamente a História Pátria com mão diurna e nocturna e tanto assim que, para a lição de sapiência da sua Escola Superior, os generalíssimos Comandos convidaram o dr. Hermano Saraiva, historiador ao domicílio, ministro do Antigamente e povoador da Universidade com gorilas que espancaram alunos e professores para porem a

Cultura na ordem. Desgraçadamente, não conseguiram, e hoje é o que se está a ver:

Em vez de escola de cidadania, de ética social e de divulgação filarmónica, o povo mal informado vê na Polícia um labirinto de anjos exterminadores. Fala de festivais de tortura nas curreleiras da PSP e da GNR; homicídios, tráfico de droga; "Police Connections" na prostituição e noutros submundos; pistolas que se disparam por si próprias ou por azar, bebedeiras violentas de agentes disfarçados de compadres alentejanos, guardas com segundos empregos nos táxis de praça ou como seguranças particulares, brigadas a varrem pedintes a pontapé para branquearem a paisagem da Madeira — enfim, um terrorismo policial que

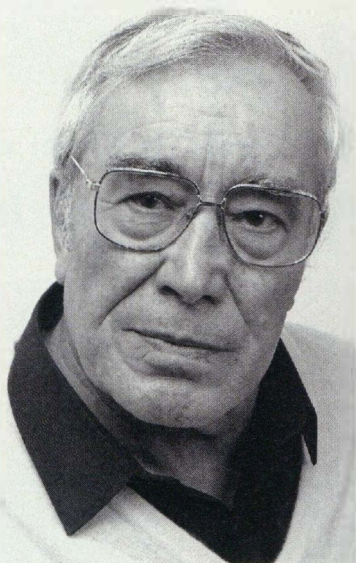
os jornalistas, essa canalha, apregoam a toda a hora, numa campanha sinistra destinada a apear os generais da Ordem pública e oficiais afins. A par disso, a inveja internacional manobra pelas costuras e, volta não volta, lá vêm os intriguistas da Amnistia e do Departamento do Estado dos USA a acusar as nossas forças da Ordem com dramalhões de faca e alguidar. Mas tudo em vão, valha-nos isso.

Se é verdade que há muito que os militares, o imperador MacArthur incluído, não se sentem muito seguros diante de um civil de consciência e de arma na mão (Coreia, Cuba, Vietname, Argélia, Guiné, Angola, Moçambique, etc.) nem muito creditados para governar países (depois do incompreendido Pinochet e dos heróicos "fal-

cões" da Argentina), não é menos verdade que o raciocínio paisano é ingrato e falcioso na leitura das virtudes castrenses. Ah, sim, absolutamente. Daí que deva caber aos polícias, e só aos polícias, investigar-se a si próprios para confirmação da sua isenção e que apenas os tribunais militares sejam competentes para os ouvir com honra e com justiça.

Entretanto o mundo desorienta-se com alarmismos acerca da *tendência natural* da Polícia (imagine-se!) para legitimar excessos de autoridade. Nos Estados Unidos criaram-se movimentos de vigilância cívica e a recente polémica levantada pelo filme "Mulholland Falls" veio agravar o assunto. Na Inglaterra o semanário "This Week" condenou o uso do "spray" CS e mais armas defensivas da Polícia e noutros países se calhar ainda se foi mais longe.

Mas nós aqui somos nós não recebemos lições de ninguém. Porque os nossos comandos "visam a frio e com alma estudada", como dizia o Clausewitz, e porque, graças a Deus, a chuva civil não molha os militares. ●



José Cardoso Pires